

POTENCIAIS BENEFÍCIOS DO URUCUM USADO PELAS COMUNIDADES INDÍGENAS

Hérica do Nascimento Sales Farias

Anita Ferreira de Oliveira

Gustavo Galdino Meneses Barros

Yatagan Moreira da Rocha

Camila Pinheiro Pereira

Alane Nogueira Bezerra

FAMETRO – Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza

hericapioneiro@gmail.com

Título da Sessão Temática: Alimentos e Nutrição

Evento: VI Encontro de Monitoria e Iniciação Científica

RESUMO

O uso do urucum é amplamente difundido em nossa cultura, particularmente na alimentação em forma de pó para realçar a cor dos alimentos. No Brasil, é conhecido como colorau ou colorífico. No entanto, ainda é utilizado na medicina popular principalmente nas comunidades indígenas. O presente estudo trata-se uma revisão bibliográfica, que teve como objetivo conhecer os benefícios potenciais do urucum, utilizado nas comunidades indígenas. Verificou-se o auxílio do urucum na população indígena e não indígena na terapia nutricional de algumas doenças. Esse fato se dá pela bixácea, presente nas sementes, possuir compostos bioativos, garantindo as propriedades funcionais existentes na planta.

Palavras-chave: “Bixaceae”, “população indígena”, “medicina tradicional”.

INTRODUÇÃO

O uso do urucum é amplamente difundido em nossa cultura, particularmente na alimentação em forma de pó para realçar a cor dos alimentos. É conhecido no Brasil como colorau ou colorífico. No entanto, ainda é utilizado na medicina popular, principalmente pelas comunidades indígenas. Por se tratar de um corante avermelhado, é bastante usado para

ornamentação e proteção contra insetos e em forma de pintura para rituais de dança. A palavra urucu tem origem do tupi “*uru-ku*” que significa vermelho (EMBRAPA, 2009).

O urucuzeiro é originário da América Tropical, pertence à família Bixaceae com o nome botânico de *Bixa orellana* L. Apresenta-se como um arbusto perene, podendo ser encontrada de forma grande ou como uma árvore pequena, variando de 2 a 5 metros de altura. A planta exibe grande variabilidade de coloração, com caule, frutos verdes e flores brancas ou caule vermelho, flores rosa e frutos vermelho-escuro, quando maduro (DEMEZUK; RIBANI, 2015).

Os frutos são do tipo cápsula ou cachopa, ovoides ou globosos, com 2 a 3 carpelos que variam de 3 a 4 centímetros (cm) de comprimento e 3 a 4,5 cm de diâmetro. Externamente, são revestidos por espinhos moles e possuem coloração variável entre o verde, vermelho-pálido e roxo. No interior, estão normalmente divididos em duas valvas com um conteúdo de grãos que varia de dez a cinquenta por fruto (CUNHA, 2008).

As substâncias que formam este pigmento vermelho são: clorofila, carotenoides com destaque para a bixina (responsável pela coloração vermelha) e de sais de oxônio presente no arilo da sua semente, tendo como principal função a capacidade de reagir a radicais livres. Estes radicais podem ser adquiridos em decorrência de doenças crônicas não transmissíveis, estresses, exposição à radiação ultravioleta (SANTOS et al., 2014).

Os compostos bioativos existentes na semente de urucum por vezes são envolvidos nas propriedades funcionais antioxidantes, responsável por proteger o corpo contra a oxidação celular, prevenindo cânceres, problemas cardiovasculares e até o envelhecimento (MOREIRA et al., 2014). O objetivo desse trabalho é conhecer os benefícios potenciais do urucum, utilizado por comunidades indígenas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica, de natureza descritiva, através de estudos pesquisados nas bases de dados Scielo e Bireme (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), no período entre 2010 a 2018. Os seguintes descritores foram cruzados nos idiomas português e inglês: “Bixaceae”, “população indígena”, “medicina tradicional”. Foram selecionados artigos através de uma leitura prévia e, posteriormente, de caráter exploratório, que apresentassem maior relevância sobre a temática da presente revisão

e respondessem ao objetivo. Da análise de 17 artigos científicos, 08 artigos foram selecionados para descrição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A planta de urucum, de acordo com cacique entrevistado na comunidade dos Xavantes em Mato Grosso, é usada na medicina tradicional, porque os ramos e a raiz servem para estancar sangramento menstrual ou hemorragia. O caule serve para usar na orelha para chamar atenção das meninas e para ir em busca dos cantos pelo sonho (LEÃO et al., 2017).

Bipat e colaboradores (2016), em estudo sobre a lesão isquêmica que tem como consequência a diminuição da contratilidade do miocárdio, testaram várias preparações nos átrios de cobaias (porquinhos da Índia), sendo expostas durante 5 minutos a hipóxia e, em seguida, deixadas a recuperar em tampão oxigenado sozinho ou contendo um único extrato de planta *Bixa orellana* L. (Bixaceae). Isso foi investigado a fim de melhorar a contratilidade diminuída dos átrios após estresse hipóxico. O estudo mostrou que as preparações de *B. orellana* possuem propriedades inotrópicas positivas que levam a melhoria da contratilidade do miocárdio pós-hipóxico, causando um aumento na contratilidade em comparação aos átrios não tratados.

Um estudo que investigou os efeitos do tocotrienol de urucum como um tratamento único para síndrome metabólica e osteoporose, induzidos por dieta rica em carboidratos e alto teor de gordura, utilizou ratos Wistar machos com três meses de idade que foram divididos aleatoriamente em cinco grupos. O grupo de referência foi sacrificado no início do estudo. O grupo normal recebeu ração padrão e água da torneira. Os demais grupos receberam dieta alto teor de gorduras e de carboidratos e foram tratados com três esquemas diferentes por via oral diariamente: (a) óleo de milho descarado de tocoferol (o veículo do tocotrienol), (b) 60mg/kg de tocotrienol de urucum e (c) 100mg/kg de tocotrienol de urucum. No final do estudo, as medidas de parâmetros metabólicos, composições corporais e densidade mineral óssea foram realizadas nos animais antes do sacrifício. Na eutanásia, sangue e fêmur dos ratos foram coletados para avaliação da microestrutura óssea, força biomecânica, atividades de remodelamento, alterações hormonais e resposta inflamatória. Revelou-se que o tratamento com urotocotrienol melhorou todos os parâmetros de síndrome metabólica, exceto obesidade abdominal, microestrutura óssea trabecular, força óssea, aumento do número de osteoclastos, alterações hormonais normalizadas e resposta inflamatória (WONG et al., 2018).

Um estudo avaliou o potencial antioxidante do urucum em humanos, caracterizando-o quanto às propriedades físico-químicas de variedades de urucueiro em sementes naturais e

em pó encapsulado, quantificação de compostos fenólicos, bixina e atividade antioxidante de três variedades de sementes: variedade 1, variedade 2, variedade 3 e outras três marcas de urucum em pó encapsulado (marca 1, marca 2 e marca 3). Revelou-se a apresentação de altos índices de bixina para a variedade 2, com diferenças significativamente diminuídas para as demais variedades. O teor de bixina dos produtos encapsulados foram numericamente mais baixos que os da semente e a marca 1 apresentou índice mais elevado que as demais. Quanto aos resultados de compostos fenólicos, as variedades de sementes não apresentaram diferença significativa. As sementes de urucum e os produtos encapsulados apresentaram potencial antioxidante para o radical livre (MOREIRA et al., 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os aspectos científicos apresentados, verificou-se que o uso de várias partes do urucum, amplamente utilizado pelas comunidades indígenas, pode proporcionar uma ação preventiva de doenças, contribuindo de forma efetiva à saúde do ser humano, sendo aconselhável o uso das sementes in natura, que apresentam maior atividade antioxidante que os produtos em pó. Nesse contexto, evidencia-se que o urucum deve ser usado, pois apresenta propriedades funcionais que auxiliam na prevenção de doenças e promoção da saúde.

REFERÊNCIAS

BIPAT, R. et al. Beneficial effect of medicinal plants on the contractility of post-hypoxic isolated guinea pig atria - Potential implications for the treatment of ischemic-reperfusion injury. **Biologia Farmacêutica**. v. 54, n. 8, 2016

CUNHA, F. G. **Estudo da extração mecânica de bixina das sementes de urucum em leite de jorro**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008. 92f.

DEMCZUK, J. R., RIBANI, R. H. Atualidades sobre a química e a utilização do urucum (Bixa orellana L.). **Revista Brasileira de Pesquisa em Alimentos**, v. 6, n. 1, p. 37-50, 2015.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **A cultura do urucum** / Embrapa Amazônia Oriental. - 2. ed. rev. ampl. - Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2009. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia>.

embrapa.br/digital/bitstream/item/128282/1/PLANTAR-Urucum-ed02-2009.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

LEÃO, M. F. et al. Descrição do preparo do corante e das diversas utilizações do urucum pelo povo xavante. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 9, n. 4, 2017.

MOREIRA, V. S. et al. Atividade antioxidante de Urucum (Bixa Orellana L.) in Natura e encapsulado. **Revista Iberoamericana de Tecnología Postcosecha**, v. 15, n. 2, 2014.

SANTOS, J. A. A. et al. Avaliação histomorfométrica do efeito do extrato aquoso de urucum (norbixina) no processo de cicatrização de feridas cutâneas em ratos. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 16, n. a00101s1, p. 637-643, 2014.

WONG, S. K. et al. Exploring the potential of tocotrienol from Bixa orellana as a single agent targeting metabolic syndrome and bone loss. **Bone**, v. 116, p. 8-21, 2018.